

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 5, Número 2, Jul.-Dez. 2016

DAS DIFERENTES VISÕES DO AMOR, ATÉ O AMOR MÍSTICO PRESENTE NO CONTO TEOREMA DE HERBERTO HELDER



DIFFERENT VISIONS OF LOVE TO MYSTICAL LOVE IN HERBERT HELDER'S THEOREM

Airton Santos de SOUZA JUNIOR (UFAC)
Gisela Maria Lima Braga PENHA (UFAC)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [OS AUTORES](#)
RECEBIDO EM 20/01/2017 • APROVADO EM 18/02/2017

Abstract

The study entitled "From Different Visions of Love to Mystical Love in Herbert Helder's Theorem," aims to carry out a survey in search of the existing relationships between the different visions in which love is represented according to the concept By philosophy, and the "immortal and mythical" love ideal that is present in the tale Theorem. For this, a methodology based on the works of Eduardo Farias Coutinho and Nicola Abbagnano is used. As a theoretical contribution, the study is based on the conception of Myth and Love adopted by Nicola Abbagano, and to give sustainability to the relationship between these two conceptions of love, we make use of the presuppositions of Comparative Literature that can be understood according to Marius-Francois Guyard , As the history of national literary relations. Being that the comparator is placed in the borders, linguistic or national, examines the changes of subjects, ideas, books or feelings between two or several literatures. In this way we intend to establish through literary compartivism the possible relations between the different meanings

to which love is submitted according to the philosophical conception and the ideal of immortal and mythical love centered on the novel of D Pedro and D Inês de Castro. In addition to exploring the relationship between narrative and the title of the story (Theorem), which consequently denotes an interdisciplinary movement between Literature and Mathematics.

Resumo

O estudo intitulado “Das diferentes visões do amor, até o amor místico presente no conto **Teorema** de Herberto Helder”, tem por objetivo realizar uma sondagem em busca das relações existentes entre as diferentes visões em que o amor é representado de acordo com a concepção traga pela filosofia, e o ideal de amor “imortal e mítico” que se encontra presente no conto **Teorema** . Para tanto, faz-se uso de uma metodologia de cunho bibliográfico centrada nas obras de Eduardo Farias Coutinho e Nicola Abbagnano. Como aporte teórico o estudo embasa-se na concepção de Mito e Amor adotada por Nicola Abbagnano, e para dar sustentabilidade à relação entre essas duas concepções de amor, faz-se uso dos pressupostos da Literatura Comparada que pode ser compreendida segundo Marius-Francois Guyard, como a história das relações literárias nacionais. Sendo que o comparatista se coloca nas fronteiras, linguísticas ou nacionais, examina as mudanças de temas, ideias, livros ou sentimentos entre duas ou várias literaturas. Desta forma pretende-se estabelecer através do comparativismo literário as possíveis relações existentes entre as diferentes significações a que o amor é submetido segundo a concepção filosófica, e o ideal de amor imortal e mítico centrado no romance de D Pedro e D Inês de Castro. Além de explorar ainda a relação entre a narrativa e o título do conto (**Teorema**), o que conseqüentemente denota um movimento interdisciplinar entre a Literatura e a Matemática.

Entradas para indexação

KEYWORDS. Love. Myth. Interdisciplinarity

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Mito. Interdisciplinaridade.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Para entender uma obra literária faz-se necessário que se compreenda diversos fatores, dentre eles tem-se um de extrema relevância, a saber, o contexto histórico no qual a obra está inserida. Portanto, discorrer a respeito do romance de D. Pedro e D. Inês de Castro que é narrado no conto de Herberto Helder, é uma tarefa que implica uma síntese a respeito do contexto histórico do qual estes fatos pertencem. Tendo em vista, que embora a obra do escritor pertença ao século XX, os fatos nela descritos datam do século XIV.

Partindo do parágrafo precedente, observa-se que o período dos fatos narrados no conto faz parte de uma época histórica que ficou conhecida como idade média, período este caracterizado por uma economia ruralizada, enfraquecimento comercial, supremacia da Igreja Católica, sistema de produção feudal e sociedade

hierarquizada. Como se pode observar em registros históricos uma das características mais marcantes da idade média é a supremacia da Igreja Católica, que tida como detentora do poder espiritual, influenciava o modo de pensar e a forma de comportamento na idade média. A igreja também tinha grande poder econômico, pois possuía terras em grande quantidade e, até mesmo, servos trabalhando.

Diante dos pressupostos traços até aqui, percebe-se que discutir a proposta deste trabalho visando realizar uma sondagem em busca das relações existentes entre as diferentes visões em que o amor é representado de acordo com a concepção filosófica, e o ideal de amor “imortal e mítico” que se encontra presente nas bases históricas de **Teorema**, é uma tarefa um tanto que complexa, pois ao mesmo tempo em que se pretende demonstrar essas relações proximais, estar-se-á também apresentando uma visão de Amor totalmente contrária a idade média. Além da própria problemática de tentar buscar uma definição para o Amor, implicada pela diversidade de significação do mesmo. Diversidade realmente contrastante como assinala Nicola Abbagnano “Os significados que este termo, amor, apresenta na linguagem comum são múltiplos, dispares e contrastantes, igualmente múltiplos dispares e contrastantes são os que se apresentam na tradição filosófica”. (ABBAGNANO, 2012, p 38.).

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: O AMOR SEGUNDO A CONCEPÇÃO DE ALGUNS FILÓSOFOS:

Os gregos viram no amor, sobretudo uma força unificadora e harmonizadora, e a entenderam com base no amor sexual, na concórdia política e na amizade. Segundo Aristóteles, Hesíodo e Parmênides foram os primeiros a sugerir que o amor é a força que move as coisas, que as une e as mantém juntas. Empédocles reconheceu no amor a força que mantém unidos os quatro elementos e, na discórdia a força que os separa. Platão foi quem primeiro deu tratamento filosófico ao amor, nele foram apresentados e conservados os caracteres do amor sexual, ao mesmo tempo tais caracteres são generalizados e sublimados. Em primeiro lugar, o amor é carência, insuficiência, necessidade e, ao mesmo tempo, desejo de conquistar e conservar o que não se possui. Em segundo lugar, o amor volta-se para beleza, que outra coisa não é senão o anúncio e a aparência do bem. Em terceiro lugar, o amor é desejo de vencer a morte (como demonstra o instinto de gerar, próprio de todos os animais) e é, portanto, a via pela qual o ser mortal procura salvar-se da mortalidade, não permanecendo sempre o mesmo, como ser divino, mas deixando após si, em troca do que envelhece e morre algo de novo que se assemelha. Em quarto lugar, Platão distingue tantas formas do amor quantas são as formas do belo, desde a beleza sensível até a beleza da sabedoria, que é a mais elevada de todas e cujo amor (...) é por isso mesmo o mais nobre. (ABBAGNANO, 2012, p 39).

Com o Cristianismo, a noção de amor sofre uma transformação. De um lado, é entendido com a relação e/ou um tipo de relação que deve estender-se a todo “próximo”; de outro se transforma em mandamento, que não tem conexões com as situações de fato que e que se propõe a transformar essas situações e criar uma comunidade que ainda não existe, mas que deverá imanar todos os homens: o Reino de Deus. O amor é introduzido explicitamente na essência divina e torna-se um conceito teológico, além de moral e religioso O amor a Deus e o amor ao

próximo unem-se em Agostinho, quase formando um conceito único. Amar a Deus significa amar o amor, mas diz Agostinho, “não se pode amar o amor, se não se ama quem ama”. Não é amor o que não ama ninguém. Por isso, o homem não pode amar a Deus, que é amor, se não amar o outro homem. O amor fraterno entre os homens “não só deriva de Deus, mas é Deus mesmo”. (ABBAGNANO, 2012, p, 40).

A doutrina de Espinosa apresenta dois conceitos de amor, dos quais o segundo seria utilizado pelos românticos. Em primeiro lugar, o amor como qualquer outra emoção é uma afecção da alma e consiste na alegria comparada por uma causa externa. Hegel exprimiu com as fórmulas mais rigorosas e pregnantas esse conceito de amor. Já num texto juvenil de inspiração romântica, cujos pressupostos são justamente Scheleirmacher e Schlegel, “o verdadeiro amor é identificado com a verdadeira unificação que só ocorre entre seres vivos que são iguais em poder e que em tudo, e por tudo estão vivos um para o outro e sob nenhum aspecto estão mortos um para o outro”. O amor é um sentimento infinito pelo qual o vivo sente o vivo. Os amantes são um todo vivo. São reciprocamente independentes só por “poderem amar”. O amor é superior a todas as oposições e a todas as multiplicidades. (ABBAGNANO, 2012, p 43, 44).

Um olhar de conjunto nas teorias mencionadas mostra a recorrência de duas noções fundamentais do amor, sendo possível vincular cada uma dessas teorias a uma ou a outra. A primeira é a do amor como relação que não anula a realidade individual e a autonomia dos seres entre os quais se estabelece, mas tende a reforçá-los, por meio de um intercâmbio, emocionalmente controlado, de serviços e cuidados de todo tipo, intercâmbio no qual cada um procura o bem do outro como seu próprio. Nesse sentido, o amor tende à reciprocidade e é sempre recíproco na sua forma bem sucedida, que sempre poderá ser chamada de união (de emoções correlativas), mas nunca de “unidade” no sentido próprio desse termo. A segunda teoria recorrente sobre o amor é a que vê nele uma unidade absoluta ou infinita, ou seja, consciência, desejo ou projeto de tal unidade. Desse ponto de vista, o amor deixa de ser fenômeno humano para transformar-se fenômeno cósmico ou, melhor ainda, a natureza do princípio ou da realidade suprema. O êxito ou o malogro do amor humano passa a ser diferente, afinal, aliás, o amor humano com aspiração à identidade absoluta e como tentativa por parte do finito de identificar-se com o infinito, está previamente condenado ao insucesso e reduzido a uma aspiração unilateral (em virtude da qual a reciprocidade é decepcionante) que se contenta em imaginar a vaga forma de um ideal fugaz. São duas as consequências desse conceito de amor. A primeira é a infinitização das experiências amorosas que, consideradas com formas ou manifestações do infinito, assumem um significado e um alcance desproporcional e grotesco, sem relação com a importância real que tem para a personalidade humana e para suas relações com os outros. A segunda é que todo tipo ou forma de amor humano destina-se ao fracasso, e o próprio êxito de tal amor, verificável na reciprocidade, na possibilidade de participação, é assumido como sinal desse fracasso. Essas duas atitudes podem ser facilmente encontradas na literatura romântica sobre o amor. (ABBAGNANO, 2012, p 48, 49.).

Após as explanações feitas em torno do amor, é possível compreender a complexidade e diversidade de tal tema, e com base nessa diversidade torna-se perceptível que procurar uma única e explicável definição torna-se uma tarefa bastante árdua, até mesmo impossível. A partir de agora, algumas explanações serão feitas em torno do mito, para melhor subsidiar a posterior análise do conto.

O MITO

De acordo com ABBAGNANO (2012) Além da acepção geral de “narrativa”, na qual a palavra mito é usada, por exemplo, na poética de Aristóteles. Do ponto de vista histórico é possível distinguir três significados do termo. 1º temos mito como forma atenuada de intelectualidade. 2º como forma autônoma de pensamento ou de vida e 3º como instrumento de estudo social. As três concepções expressas são, de forma sintética, explanadas abaixo:

Para a primeira concepção, observa-se que na antiguidade clássica o mito é considerado um produto inferior ou deformado da atividade intelectual. A ele era atribuída, no máximo “verossimilhança”, enquanto a “verdade” pertencia aos produtos genuínos do intelecto. Esse foi o ponto de vista de Platão e Aristóteles. Platão contrapõe o mito à verdade ou à narrativa verdadeira, mas ao mesmo tempo atribui-lhe verossimilhança, o que em certos campos, é a única validade a que o discurso humano pode aspirar e, em outros, expressa o que de melhor e mais verdadeiro se pode encontrar. Também para Platão o mito constitui a “via humana mais certa” para persuasão, em conjunto, seu domínio é representado pela zona que fica além do círculo estrito do pensamento racional, na qual só é lícito aventurar-se com suposições verossímeis. Substancialmente, Aristóteles assume a mesma atitude de em relação ao mito, este às vezes é oposto à verdade, mas outras vezes é a forma imperfeita que a verdade assume, quando, por exemplo, se explica “a razão de uma coisa em forma de mito”. A esse conceito de mito como verdade imperfeita ou diminuída frequentemente se une a atribuição de validade moral ou religiosa ao mito. O que o mito diz, supõe-se não é demonstrável nem claramente concebível, mas sempre é claro o seu significado moral ou religioso, ou seja, o que ele ensina sobre a conduta do homem em relação aos outros homens ou em relação à divindade. Assim, a respeito dos mitos morais expostos em Górgias, Platão diz “talvez estas coisas pareçam mitos de mulheres velhas, e as considerareis com desprezo”. E não seria descabido desprezá-las se com a investigação pudéssemos encontrar outras coisas melhores e mais verdadeiras. Na linguagem comum prevalece essa acepção do significado em sua forma externa, ou seja, como de crença dotada de validade mínima e de pouca verossimilhança, neste sentido, chama-se de mítico o que é inatingível ou contrário aos critérios do bom senso, como “perfeição mítica”. A essa esfera de interpretação do mito. Pertencem as chamadas teorias naturalistas, que prevaleceram no século XIX na Alemanha. Segundo elas o mito é produto da mesma atitude teórica ou contemplativa que dará origem a ciência, consiste em tomar determinado fenômeno natural como chave para a explicação de todos os outros fenômenos. *Para a segunda concepção de mito*, este é uma forma autônoma de pensamento e de vida. Nesse sentido, a validade e a função do mito, não são secundárias e subordinadas em

relação ao conhecimento racional, mas originárias e primárias, situando-se num plano diferente do plano do intelecto, porém dotado de igual dignidade. Foi Vico o primeiro a expressar esse conceito de mito. “as fábulas, ao nascerem, eram narrações verdadeiras e graves (donde ter a fábula sido definida como vera narrativo) que no mais das vezes nasceram obscenas, e por isso depois se tornaram impróprias, a seguir alteradas, então inverossímeis, adiante obscuras, daí escandalosas, e finalmente incríveis, que são as sete fontes da dificuldade das fábulas”, portanto, a verdade do mito não é uma verdade intelectual corrompida ou degenerada, mas uma verdade autêntica, embora com forma diferente da verdade intelectual, com forma fantástica ou poética:” os caracteres poéticos nos quais consiste a essência das fabulas nasceram, por necessidade natural, da incapacidade de extrair as formas e as propriedades dos fatos, por conseguinte, devia ser maneira de pensar de povos inteiros que se encontravam em tal necessidade natural, que ocorreu nos tempos de sua maior barbárie”. Desse ponto de vista, “os poetas devem ter sido os primeiros historiadores das nações” e os caracteres poéticos contêm significados históricos que, nos primeiros tempos, foram transmitidos de memória pelos povos. Mais tarde, em ensaio sobre o homem, Cassirer viu o caráter distintivo do mito em seu fundamento emotivo. “o substrato real do mito não é de pensamento, mas de sentimento. *A terceira concepção de mito* consiste na moderna teoria sociológica que se pode atribuir principalmente a Fraser e a Malinowski. “o mito não é simples narrativa, nem forma de ciência, nem ramo de arte ou de história, nem narração explicativa”. Cumpre uma função sui generis, intimamente ligada à natureza da tradição, à continuidade da cultura, à relação entre maturidade e juventude e a atitude humana em relação ao passado”. “A função do mito é em resumo, reforçar a tradição e dar-lhe maior valor e prestígio, vinculando-a a mais elevada, melhor e mais sobrenatural realidade dos acontecimentos iniciais”. Nesse sentido o mito não se limita ao mundo ou a mentalidade dos primitivos. É indispensável a cada cultura, cada mudança histórica cria sua própria mitologia, que, no entanto tem relação indireta com o fato histórico. (ABBAGNANO, 2012, p 758, 759).

ANÁLISE DO CONTO

El-rei D. Pedro, o cruel, está na janela sobre a praça onde sobressai a estátua municipal do marquês Sá da Bandeira. Gosto deste rei louco, inocente e brutal. Puseram-me de joelhos, com as mãos amarradas atrás das costas, mas levanto a cabeça, torno o pescoço para o lado esquerdo, e vejo o rosto violento e melancólico do meu pobre Senhor. Por debaixo da janela onde se encontra, existe uma outra em estilo manuelino, uma relíquia, obra delicada de pedra que resiste ao tempo. D. Pedro deita a vista distraída pela praça fechada pelos seus soldados. Vê a igreja monstruosa do Seminário, retórica de vidraças e nichos, as pombas que pousam na cabeça e nos braços do marquês e vê-me em baixo, ajoelhado, entre alguns dos seus homens. O rei olha para mim com simpatia. Fui condenado por ser um dos assassinos da sua amante favorita, D. Inês. Alguém quis defender-me, dizendo que eu era um patriota. Que desejava salvar o Reino da influência espanhola. Tolicie. Não me interessa o Reino. Matei-a para salvar o amor do rei. D. Pedro sabe-o. Olho de novo para a janela onde se debruça. Ele diz um gracejo. Toda a gente ri.

— Preparem-me esse coelho, que tenho fome.
O rei brinca com o meu nome. O meu apelido é Coelho.

O que este homem trabalhou na nossa obra! Levou o cadáver da amante de uma ponta a outra do país, às costas da gente do povo, entre tochas e cantos fúnebres. Foi um terrível espetáculo, que cidades e lugarejos apreciaram.

Alguém ordena que me levante e agradeça ao meu Senhor. Levanto-me e fico bem defronte do edifício. Vejo no rés-do-chão o letreiro da Barbearia Vidigal e o barbeiro de bigode louro que veio à porta assistir ao meu suplício. Vejo a janela manuelina e o rei esmagado entre os blocos dos dois prédios ao lado.

— Senhor — digo eu —, agradeço-te a minha morte. E ofereço-te a morte de D. Inês. Isto era preciso, para que o teu amor se salvasse.

— Muito bem — respondeu o rei. Arranquem-lhe o coração pelas costas e tragam-mo.

De novo me ajoelho e vejo os pés dos carrascos de um lado para o outro. Distingo as vozes do povo, a sua ingénua excitação. Escolhem-me um sítio das costas para enterrar o punhal. Estremeço de frio. Foi o punhal que entrou na carne e cortou algumas costelas. Uma pancada de alto a baixo do meu corpo, e verifico que o coração está nas mãos de um dos carrascos. Um moço do rei espera com a bandeja de prata batida estendida sobre a minha cabeça, e onde o coração fumegante é colocado. A multidão grita e aplaude, e só o rosto de D. Pedro está triste, embora, ao mesmo tempo, se possa ver nele uma luz muito interior de triunfo. Percebo como tudo isto está ligado, como é necessário que todas as coisas se completem. Ah, não tenho medo. Sei que vou para o inferno, visto que sou um assassino e o meu país é católico. Matei por amor do amor — e isso é do espírito demoníaco. O rei e a amante também são criaturas infernais. Só a mulher do rei, D. Constança, é do céu. Pudera, com a sua insignificância, a estupidez, o perdão a todas as ofensas. Detesto a rainha.

O moço sobe a escada com a bandeja onde o meu coração é um molusco quente e sangrento. Vê-se D. Pedro voltar-se, a bandeja aparecer perto do parapeito da janela. O rei sorri delicadamente para o meu coração e levanta-o na mão direita. Mostra-o ao povo, e o sangue escorre-lhe entre os dedos e pelo pulso abaixo. Ouvem-se aplausos. Somos um povo bárbaro e puro, e é uma grande responsabilidade estar à frente de um povo assim. Felizmente o nosso rei encontra-se à altura do seu cargo, entende a nossa alma obscura, religiosa, tão próxima da terra. Somos também um povo cheio de fé. Temos fé na guerra, na justiça, na crueldade, no amor, na eternidade. Somos todos loucos.

Tombei com a face direita sobre a calçada e, movendo os olhos, posso aperceber-me de um pedaço muito azul de céu, acima dos telhados. Vejo uma pomba passar em frente da janela manuelina. O claxon de um carro expande-se líricamente no ar. Estamos nos começos de junho. Ainda é primavera. A terra está cheia de seiva. A terra é eterna. À minha volta dizem obscenidades. Alguém sugere que me cortem o pénis. Um moço vai perguntar ao rei se o podem fazer, mas este recusa.

— Só o coração — diz. E levanta de novo o meu coração, e depois trinca-o ferozmente. A multidão delira, aclama-o, chama-me assassino, cão, e encomenda a alma ao Diabo. Eu gostaria de poder agradecer a este povo bárbaro e puro as suas boas palavras violentas.

Um filete de sangue escorre pelo queixo de D. Pedro, e vejo os seus maxilares movendo-se ligeiramente. O rei come o meu coração. O barbeiro saiu do estabelecimento e está a meio da praça com a sua bata branca, o seu bigode louro, vendo D. Pedro a comer o meu coração cheio de inteligência do amor e do sentimento da eternidade. O marquês Sá da Bandeira é que ignora tudo, verde e colonialista no alto do seu plinto de granito. As pombas voam à volta, pousam-lhe na cabeça e nos ombros, e cagam-lhe em cima. D. Pedro retira-se, depois de dizer à multidão algumas palavras sobre crime e justiça. Aclama-o o povo mais uma vez, e dispersa. Os soldados também partem, e eu fico só para enfrentar a noite que se aproxima. Esta noite foi feita para nós, para o rei e para mim. Meditaremos. Somos ambos

sábios à custa dos nossos crimes e do comum amor à eternidade. O rei estará insone no seu quarto, sabendo que amará para sempre a minha vítima. Talvez não termine aí a sua inspiração, e ele se torne cada vez mais cruel e mais inspirado. O seu corpo ir-se-á reduzindo à força de fogo interior, e a sua paixão será sempre mais vasta e pura. E eu também irei crescendo na minha morte, irei crescendo dentro do rei que comeu o meu coração. D. Inês tomou conta das nossas almas. Ela abandona a carne e torna-se uma fonte, uma labareda. Entra devagar nos poemas e nas cidades. Nada é tão incorruptível como a sua morte. No crisol do inferno manter-nos-emos todos três perenemente límpidos. O povo só terá de receber-nos como alimento, de geração para geração. Que ninguém tenha piedade. E Deus não é chamado para aqui.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Em **Teorema** temos um conto cuja “base narrativa” centra-se na história verídica do romance de Pedro e Inês que aconteceu no século XIV e marcou a história de Portugal. De acordo com a concepção de Mircea Eliade (1993, p. 13): “O mito só fala daquilo que realmente aconteceu, daquilo que se manifestou plenamente. O mito é considerado como uma história sagrada, e portanto uma história verdadeira, porque se refere sempre a realidades.”. No que diz respeito aos aspectos estruturais do conto é possível observar um narrador autodiegético, o qual é concebido como assassino de D Inês de Castro, portanto observa-se que o conto vai sendo narrado na perspectiva e ótica do narrador (assassino).

Como foi dito anteriormente, o conto toma como ponto de partida um acontecimento real e histórico. E até adentrarmos de fato nas relações entre o amor de D Pedro e D Inês de Castro, com as concepções sustentadas pela filosofia em torno do amor, cabe-nos primeiramente elucidar, ou ao menos tentar, o questionamento que surge em torno dessa relação entre a literatura e a história. A história está mais próxima da literatura ou da ciência propriamente dita? De acordo com (FREITAS 1986), alguns estudiosos defendem que não se poupem esforços no que diz respeito à segregação entre a Literatura e História, todavia Freitas destaca que alguns historiadores de renome já chegaram a afirmar ser a história nada mais que um romance verdadeiro.

A partir do parágrafo precedente vemos essa estreita relação existente entre esses dois campos do conhecimento, e para sustentar ainda mais tal relação temos a contribuição do crítico francês Gustave Lanson, o qual chegou a afirmar que a história está muito mais próxima da Literatura do que propriamente da ciência. Pois, se por um lado o historiador irá se deparar com documentos verídicos, fontes confiáveis, pesquisa sistemática e método científico de análise, por outro, ao tentar captar os segredos do passado, de uma cultura e sociedade, ao tentar descobrir a essência do passado, o historiador já está se deslocando do campo da ciência e adentrando no domínio da Literatura. Sendo assim, vemos que de fato há uma relação proximal entre a Literatura e a História enquanto ciência.

A partir de agora, uma nova indagação cabe-nos responder. Quais as relações entre as concepções trazidas pela filosofia em torno do Amor, e o “Amor mítico” de D. Pedro e D. Inês de Castro? De início torna-se pertinente reiterar o que fora colocado por ABBAGNANO, 2012, p 38 “Os significados que este termo, amor, apresenta na linguagem comum são múltiplos, dispares e contrastantes, igualmente múltiplos dispares e contrastantes são os que se apresentam na tradição filosófica”.

Como outrora já fora discorrido, propor discussões em torno do Amor é algo extremamente complexo, pelo fato de tal termo apresentar não apenas um significado, mas múltiplos e ao mesmo tempo contrastantes entre si. Essa diversidade e complexidade não se dão apenas para o termo Amor, sendo que também para a concepção de Mito,

podemos observar não apenas uma significação, mas de acordo com o aspecto histórico três definições para o termo.

DESTRINÇANDO AS RELAÇÕES ENTRE O AMOR DE D. PEDRO E INÊS DE CASTRO, E AS CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS EM QUE O AMOR ESTÁ ENVOLTO.

Na crônica de D Pedro escrita pelo escritor Fernão Lopes, temos a seguinte descrição acerca do romance de Pedro e Inês:

Por que semelhante amor, qual El Rei Dom Pedro ouve a Dona Enes; raramente he achado em alguma pessoa, porem disserom os antigos que nenhum he tam verdadeiramente achado, como aquel cuja morte nom tira da memoria o grande espaço do tempo. (LOPES, 1977).

Observamos aqui que o Amor de Pedro e Inês foi um sentimento que transcendeu a esfera física, nem mesmo a morte foi capaz de apagá-lo. Um Amor cuja natureza é rara entre os humanos como vemos destacado na terceira linha do parágrafo precedente. Essa concepção traga de um sentimento raro entre os humanos, ao mesmo tempo quase que inacessível, possui uma estreita relação com o ideal de Amor levantado pelo filósofo Platão. Segundo Platão, existem dois mundos, o mundo real e o das ideias, e o Amor encontra-se no mundo das ideias e por isso inacessível aos homens, é tido como um sentimento essencialmente puro, que não se fundamenta em um interesse, mas na virtude, e é desprovido de paixões.

De acordo com dados históricos uma das características do ambiente medieval europeu eram as constantes guerras causadas por disputas entre reinos. Que quase sempre envolviam tronos da Península Ibérica. Os arranjos políticos, por meio de casamentos entre nobres, eram parte essencial do jogo de poder da época.

E no contexto de D Pedro, não lhe era cabido decidir o próprio futuro político e amoroso em meio a tal conjuntura de manobras e alianças calculadas. Segundo registros históricos, desde jovem Pedro estava prometido a Constança Manuel, filha de um descendente de monarcas dos reinos de Aragão, Castela e Leão.

A partir disso, podemos observar que o Amor de Pedro e Inês de Castro perpassava todo e qualquer interesse embutido pelas manobras políticas da época, o que fundamenta ainda mais a existência dessa relação entre o ideal de Amor Platônico que não se fundamenta em interesses, e o “Amor mítico” de Pedro e Inês.

Ainda de acordo com Abbaganano, dentro das concepções a que o Amor está envolto, temos uma concepção pautada no cristianismo. E vale ressaltar, que a época dos fatos nos quais o conto se apoia, foi um período no qual a igreja e doutrina católica exerciam forte influência sobre a forma de pensar e o agir das pessoas no meio social. Partindo disso, vemos que o Amor de D Pedro e D Inês de Castro, fora totalmente de encontro aos pressupostos emanados pela doutrina católica. Na concepção de Amor adotada pelo cristianismo, temos:

O amor é introduzido explicitamente na essência divina e torna-se um conceito teológico, além de moral e religioso. O amor a Deus e o amor ao próximo unem-se em Agostinho, quase formando um conceito único. Amar a Deus significa amar o amor, mas diz Agostinho, “não se pode amar o amor, se não se ama quem ama”. Não é amor o que não ama ninguém. Por isso, o homem não pode amar a Deus, que é amor, se não amar o outro homem O amor fraterno entre os homens “não só deriva de Deus, mas é Deus mesmo”. (ABBAGNANO, 2012, p, 40)

Aqui temos uma relação não mais proximal, mas sim contrastante entre o “Amor mítico” de Pedro e Inês e os pressupostos do Amor Cristão. Esse contraste torna-se nítido ao nos depararmos com registros históricos que declaram que embora Pedro não quisesse casar-se com Constança a quem fora prometido desde a infância, ainda assim casou-se. E seu romance com D Inês na concepção cristã fora concebido como adultério. Prática esta reprovada pela igreja católica e pelos ideais de Amor cristão. No próprio conto em análise vemos ainda claramente esse contraste entre as concepções de Amor. Em que para o cristianismo “O homem não pode amar a Deus, que é amor, se não amar o outro homem”. Em Teorema observamos que a atitude de Pedro para com o assassino de sua amada, não se aproxima em hipótese alguma de um amor fraterno culminando num perdão. Ao contrário, vemos, — Muito bem — respondeu o rei. Arranquem-lhe o coração pelas costas e tragam-mo”. (HELDER, 1974). Dentro da visão do cristianismo, poder-se-ia dizer que Pedro não amou Inês, na verdade nem mesmo chegou a conhecer o que é o Amor, tendo em vista que nesta visão o Amor é Deus, e o homem não pode conhecer o Amor, nem mesmo dizer que ama, se não amar o outro homem.

De acordo com Abbagnano, segundo Aristóteles, Hesíodo e Parmênides os gregos foram os primeiros a sugerir que o amor é a força que move as coisas, que as une e as mantém juntas. Partindo desta declaração acerca do Amor, vemos mais uma relação entre o “amor mítico” de D Pedro e Inês, e os pressupostos em torno do Amor tragos agora pelos gregos, relação esta não mais contrastante, mas novamente proximal. Observamos em **Teorema** que nem mesmo a morte de Inês, foi capaz de desuni-la de D Pedro “O que este homem trabalhou na nossa obra! Levou o cadáver da amante de uma ponta a outra do país, às costas da gente do povo, entre tochas e cantos fúnebres. Foi um terrível espetáculo, que cidades e lugarejos apreciaram.”(HELDER, 1974).

Segundo ABBAGNANO, 2012, p 37 “O amor é desejo de vencer a morte”. Vemos aqui a descrição do Amor de D Pedro e D Inês de Castro, um “amor mítico” e raro, e por ser raro é ao mesmo tempo inalcançável aos homens, um sentimento que transcendeu a esfera física, obtendo êxito em seu desejo de vencer a morte. Em **Teorema** observamos nos versos finais “Ela abandona a carne e torna-se uma fonte, uma labareda. Entra devagar nos poemas e nas cidades.” (HELDER, 1974). Estamos diante da morte de D Inês de castro, mas, sobretudo da personificação do mito através de sua morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões levantadas até aqui, foi possível perceber as relações existentes entre as mais diferentes visões de Amor trazidas pelas correntes filosóficas, mas precisamente o ideal de Amor puro e eterno abordado por Platão, com o “Amor mítico” de D Pedro e D Inês de Castro. Amor este que foi capaz de vencer a morte, transcendendo a esfera física. Observamos ainda a relação entre o enredo do conto com seu título (**Teorema**). Ao perceber que **Teorema** pode ser compreendido como uma referência a Pitágoras e seu estudo acerca dos triângulos. Dessa forma vemos que Herberto Helder se apropria de um conceito matemático para criar sua própria fórmula para explicar o mito.

No conto em questão compreendemos que D. Pedro e Inês seriam cada qual um cateto de um triângulo reto, e em oposição a estes catetos teríamos os interesses e preceitos da idade média, mas, sobretudo a hipotenusa, a saber, Coelho (assassino de Inês). E quando ambos os lados, catetos e hipotenusa se completam “Percebo como tudo isto está ligado, como é necessário que todas as coisas se completem” (HELDER, 1974). Temos como resultado dessa completude a personificação do mito através da morte de D. Inês.

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/literatura/ines-castro-herbe.htm>.
Acessado em 28/09/2016 às 16h30minh

Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/idademedia> Acessado em 28/09/2016 às 17h00minh.

Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/ines_de_castro_-_a_rainha_morta.html Acessado em 28/09/2016 às 17h30minh.

FREITAS, Maria Teresa de. Literatura e História. São Paulo: Atual, 1986.

Para citar este artigo

SOUZA JUNIOR, Airton Santos de; PENHA, Gisela Maria Lima Braga. DAS DIFERENTES VISÕES DO AMOR, ATÉ O AMOR MÍSTICO PRESENTE NO CONTO TEOREMA DE HERBERTO HELDER. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 5, n. 2, p. 17-24, jul.-dez. 2016.

Os autores

Airton Santos de Souza Junior é acadêmico/graduando do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa na Universidade Federal do Acre – UFAC

Gisela Maria de Lima Braga Penha é graduada em letras pela UNESP mestrado em Letras pela UNESP doutorado em Letras pela UNESP e Pós-doutorado pela UNESP/Assis.